



remaea

O conceito Ecopedagogia: um estudo a partir dos artigos de revistas de Educação Ambiental

Mirelle Silva Oliveira¹

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3308-4709>

Fernando Lourenço Pereira²

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2491-5809>

Catarina Teixeira³

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2491-5809>

Resumo: O presente trabalho buscou analisar as abordagens sobre o conceito de ecopedagogia em artigos publicados nas revistas de Educação Ambiental do Brasil, como também mapear os artigos publicados e identificar os fundamentos e práticas ecopedagógicas descritas. Através de um levantamento *online* a partir da palavra-chave ecopedagogia foram selecionados 22 artigos, que em seguida foram organizados por título, autor, distribuição geográfica, abordagens da ecopedagogia e ano de publicação. Após a leitura dos artigos foi possível traçar algumas categorizações sobre o conceito ecopedagogia apresentado nos artigos, como: sensibilização e afetividade na relação integral homem e natureza; crítica do currículo e/ou proposição de currículos alternativos para a ecopedagogia e concepções epistemológicas. A ecopedagogia está no início de um processo de consolidação, seja no âmbito investigativo das produções acadêmicas, seja no campo social ou educativo.

Palavras chaves: Ecopedagogia; Educação ambiental; Estado da arte.

¹ Graduada em Ciências Biológicas. E-mail: mirelle@yahoo.com.br

² Graduado em Ciências Biológicas. Mestre e Doutor em Imunologia. Professor no departamento de Ciências Biológicas - DCB Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação - ICENE Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. E-mail: lourenco.uftm@gmail.com

³ Graduada em Ciências Biológicas. Especialista em Gestão Ambiental. Especialista em Ensino de Ciências por Investigação. Mestre e Doutora em Educação. Professora no departamento de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias - DECMT Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação - ICENE Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. E-mail: catarina.teixeira@uftm.edu.br

El concepto de Ecopedagogía: un estudio de los artículos de las revistas de Educación Ambiental

Resumen: El presente trabajo buscó analizar los enfoques sobre el concepto de ecopedagogía en artículos publicados en revistas de Educación Ambiental en Brasil, así como mapear los artículos publicados e identificar los fundamentos y las prácticas ecopedagógicas descritas. A través de una encuesta en línea basada en la palabra clave ecopedagogy, se seleccionaron 22 artículos, que luego se organizaron por título, autor, distribución geográfica, enfoques de ecopedagogy y año de publicación. Después de leer los artículos, fue posible hacer algunas categorizaciones sobre el concepto de ecopedagogía presentado en los artículos, tales como: sensibilización y afectividad en la relación integral entre el hombre y la naturaleza; crítica del currículum y / o propuesta de currículos alternativos para ecopedagogía y conceptos epistemológicos. La ecopedagogía está al comienzo de un proceso de consolidación, ya sea en la esfera de investigación de la producción académica, o en el campo social o educativo.

Palabras-clave: Ecopedagogía; Educación ambiental; Estado del arte.

The Ecopedagogy concept: a study from the articles of Environmental Education magazines

Abstract: The present paper sought to analyze the approaches on the concept of ecopedagogy in articles published in Environmental Education journals in Brazil, as well as to map the published articles and to identify the foundations and ecopedagogical practices described. Through an online survey based on the keyword ecopedagogy, 22 articles were selected, which were then organized by title, author, geographical distribution, approaches to ecopedagogy and year of publication. After reading the articles, it was possible to draw some categorizations about the ecopedagogy concept presented in the articles, such as: sensitization and affectivity in the integral relationship between man and nature; criticism of the curriculum and / or proposition of alternative curricula for ecopedagogy and epistemological concepts. Ecopedagogy is at the beginning of a consolidation process, whether in the investigative sphere of academic production, or in the social or educational field.

Keywords: Ecopedagogy; Environmental education; State of art.

INTRODUÇÃO

A humanidade está passando por uma crise socioambiental decorrente das práticas exploratórias em relação à natureza, principalmente durante os últimos dois séculos. Essa crise ambiental é explicada pelos interesses das forças econômicas, que muitas vezes agem de forma predatória em relação ao meio ambiente, e é agravada pelo desconhecimento e/ou falta de interesse pela complexidade que envolve as delicadas interações existentes entre as diversas formas de vida no planeta e pela ausência, por parte da sociedade, de uma consciência ambiental crítica, capaz de levar ao reconhecimento da sua responsabilidade socioambiental.

A educação ambiental tem ganhado destaque nas discussões sobre as questões ambientais, surgindo assim um conjunto de práticas sociais voltados à sensibilização do indivíduo como sujeito ecológico. A educação ambiental e a ecopedagogia visam por meio da educação a formação de um cidadão planetário, sendo capaz de transcender as relações existentes entre o indivíduo e a natureza de maneira que essas relações sejam harmônicas e não predatórias.

A ecopedagogia que aqui nos referimos é uma teoria relativamente recente e que surgiu devido à necessidade urgente de se modificar atitudes perante o meio em que a sociedade vive, tanto localmente quanto globalmente. O intuito é de oportunizar outras formas de educação, que não a da competição, mas sim da cooperação, a da relação em harmonia uns para com os outros, sejam eles humanos, e outros animais, vegetais ou minerais (REIGOTA, 2011).

A ecopedagogia na sua proposta pedagógica visa sobre todas as coisas, mostrar a interdependência que temos uns para com os outros nesta terra, e como podemos enquanto sociedade planetária, organizar as formas de vida na harmonização das relações, no equilíbrio e respeito à vida, como base educacional para a apresentação dos valores éticos com relação ao ambiente no qual se vive. Assim, a ecopedagogia propõe a construção de um currículo que oportunize que crianças, adolescentes, jovens e adultos a compreender o mundo em que vivem, por meio de experiências práticas dos conteúdos curriculares através do contato com a natureza como uma alternativa pedagógica para orientar a formação do sujeito ecológico (GADOTTI, 2005).

A teoria da ecopedagogia é um conceito novo e pouco conhecido que requer um estudo mais profundo por se tratar de conceitos de caráter ambiental e social que visa o pleno desenvolvimento do ser humano associado à sua interação e relação direta com a natureza. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo realizar um estado da arte dos trabalhos publicados em revistas de educação ambiental, caracterizando as abordagens sobre o conceito ecopedagogia, refletindo e evidenciando a importância da ecopedagogia e da Educação ambiental, contribuindo assim para a prática docente.

Ecopedagogia

Na busca de um convívio harmônico entre o ser humano e a natureza, Francisco Gutiérrez pronunciou pela primeira vez, na década de 90, o conceito ecopedagogia em sua obra que se refere a respeito do “estímulo da aprendizagem a partir da vida cotidiana” (GUTIÉRREZ, 1999).

Segundo Gutiérrez (1999, p. 24), ecopedagogia é “facilitar, acompanhar, possibilitar, recuperar, dar lugar, compartilhar, inquietar, problematizar, relacionar, reconhecer, envolver, comunicar, expressar, comprometer, entusiasmar, apaixonar, amar”. É preciso então que tanto a educação como a pedagogia se re-signifique.

Diante disso, Gutiérrez e Prado (1999) propuseram a criação do “Guia da Escola Cidadã”, onde abordam conteúdos sobre a ecopedagogia e a Cidadania Planetária, baseados nos ensinamentos de Paulo Freire. Nesse material encontra-se o conceito relacionado com a sustentabilidade para além da economia e da ecologia, ou seja, propõe-se uma visão holística das questões sobre sustentabilidade, considerando além das relações estabelecidas com o ambiente, englobando o valor da existência humana e dos projetos de vida no Planeta. Nesse sentido, a ecopedagogia é considerada uma importante ferramenta na tentativa de reverter as consequências dos impactos dos avanços tecnológicos para a sociedade e principalmente para o meio ambiente, devendo destacar que estes conceitos são pouco conhecidos e divulgados no âmbito escolar.

Gutiérrez e Prado (1999) frisam que de pouco servirão os modelos e normas preestabelecidos se não tivermos a coragem de readequá-los às exigências da nova realidade uma vez que os procedimentos e instrumentos pedagógicos solicitados pela cidadania ambiental devem ser criados e recriados no dia a dia, conforme os princípios da cultura de sustentabilidade.

Na mesma época no Brasil, Moacir Gadotti tendo como referência a obra de Francisco Gutiérrez e com consulta aos membros do Instituto Paulo Freire, elaborou a primeira minuta da “Carta da Ecopedagogia”, que por sinal foi de agrado de Francisco Gutiérrez sendo submetida no encontro organizado pelo Instituto Paulo Freire e apoiado

pelo Conselho da Terra e da UNESCO denominado de Primeiro Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação. A partir desse documento foi criado o “Movimento pela Ecopedagogia”, onde continua como documento aberto, sendo um instrumento de trabalho para a construção de uma pedagogia da Terra (GADOTTI, 2000).

A ecopedagogia, segundo Gadotti (2000), implica numa reorientação dos currículos escolares que incorpore princípios defendidos pelo movimento pedagógico e que traz para dentro o que está separado pelos muros das escolas. Para o autor, é um movimento preocupado com questões econômicas, sociais e culturais, que vai além de pensar a preservação da natureza, é possibilitar uma relação de harmonia na perspectiva de mudar as relações humanas, sociais e ambientais.

A base das ações na ecopedagogia está no trabalho coletivo, na comunicação e na expressão pessoal e grupal, o que ocasiona um clima propício para elevar a qualidade do ensino e aprendizagem. Não existe sociedade planetária se não conseguirmos construir ambientes que proporcionem a libertação de normas e controles externos.

Gutiérrez (2008) confirma com suas palavras: “A coerção e a obediência são contrárias à livre expressão pessoal e à auto-organização grupal”. Na perspectiva da ecopedagogia, a mediação pedagógica considera o grupo como um espaço privilegiado para a expressão. O segredo está na dinâmica e na riqueza que surgem do confronto de ideias e opiniões e que expõe as experiências prévias e a possibilidade da conquista de consensos e dissensos, num processo de reflexão e expressão. Dessa forma, podemos entender a educação na perspectiva ambiental como uma adequada ferramenta para desenvolver o senso crítico nas pessoas, sejam elas crianças, adultos ou idosos.

Pela educação é possível desenvolver forças para transformar o paradigma padrão em um paradigma de autonomia, liberdade e responsabilidade. Modificando inclusive a lógica que organiza o trabalho dentro das instituições educativas. Assim a educação ambiental se coloca como uma importância fundamental em favor da conservação, melhoria do meio ambiente e da transformação social necessária para que haja igualdade entre os sujeitos que compõem a sociedade como um todo.

O ponto de partida para que aconteça uma mudança socioambiental é a observação da rotina, ou seja, tudo aquilo que se expressa diariamente na vida dos cidadãos podem e devem ser conciliados com a educação. Essas percepções são compreendidas através dos conhecimentos aprendidos na escola e inter-relacionados a rotina que o indivíduo está inserido. Pois, de acordo com Gutiérrez (2013, p. 64), “somos essencialmente nossa vida cotidiana [...] e a vida cotidiana é o lugar do sentido e das práticas de aprendizagem produtiva”. A ecopedagogia é uma teoria permeada por palavras como Educação, Sociedade e Natureza, palavras estas que nos levam a compreender a restrita relação entre elas em uma teoria e uma metodologia que visa formar cidadãos críticos, com sentimentos de uma esfera planetária, que faz parte de um todo, e que está interligado numa constante rede de trocas. Não que a ecopedagogia seja somente isso, de acordo com o Gutiérrez (2013) o termo vai além:

Pois convida a todos para repensar a educação (formal, popular, alfabetização etc.) a partir de três conceitos emergentes, inter-relacionados e envolventes: a partir da ecologia profunda; a partir da pedagogia como promoção da aprendizagem; a partir da planetaridade como dimensão política. (GUTIÉRREZ, 2013, p. 13)

Nesse contexto, a ecopedagogia pode ser vista como um movimento pedagógico, uma abordagem curricular, e como uma teoria e prática educacional. “A ecopedagogia é uma pedagogia para a promoção da aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana” (GUTIÉRREZ 2008, p.60).

A teoria da ecopedagogia em sua totalidade é uma proposta pedagógica que visa mudanças no modo de ver “a vida cotidiana a partir das necessidades e interesses das pessoas” (GUTIÉRREZ, 1999, p. 24). Por este motivo se torna um ato político além de ser um processo educacional, e um verbo de ação que necessita de profundas e urgentes mudanças para a construção de uma sociedade sustentável, de uma aprendizagem significativa acerca da vida e suas razões de ser. O desenvolvimento desses conhecimentos acontece por meio de uma prática educativa que leva em consideração a preservação do meio ambiente independente de uma consciência ecológica e que a formação da consciência depende exclusivamente da educação.

Com isso é de grande valia trabalhos que busquem estudar o termo ecopedagogia. Sendo que o presente trabalho visa analisar as abordagens sobre o conceito de ecopedagogia em artigos publicados nas revistas de Educação Ambiental do Brasil com a melhor qualificação, de acordo com o Qualis da área da Educação organizado pela CAPES (quadriênio 2013-2016), bem como mapear os artigos publicados nas revistas de Educação Ambiental que abordaram esse termo e identificar os fundamentos e práticas de ecopedagogia descritos nos artigos analisados.

METODOLOGIA

O presente trabalho está baseado numa abordagem de pesquisa qualitativa. Segundo Marconi e Lakatos (2011), o método qualitativo difere do quantitativo não só por não empregar instrumentos estatísticos, mas também, por sua forma e análise dos dados, e por se preocupar em analisar e interpretar aspectos mais profundos do objeto, fornecendo uma análise detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, dentre outros elementos.

Para responder os objetivos desta pesquisa será realizada uma investigação na linha do estado da arte. Segundo Ferreira (2002) tais pesquisas são:

de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (FERREIRA, 2002, p.258).

O presente trabalho baseou-se na investigação e análise de produções acadêmicas publicadas em três revistas de Educação Ambiental com melhor classificação do qualis em “Educação” realizado pela Capes (classificação de periódicos quadriênio 2013-2016). As revistas analisadas foram: Pesquisa em Educação Ambiental (Qualis: A2), Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (Qualis: B1), Revista Brasileira de Educação Ambiental (Qualis: B2). A escolha dos periódicos se deu em decorrência de serem revistas que

apresentam maior abrangência de estudos no que diz respeito às pesquisas de educação ambiental em nível nacional.

Os objetos de investigação foram artigos que em algum momento abordaram o termo ecopedagogia, sendo classificadas as publicações caso tenham ou não como elemento fundamental no desenvolvimento de suas pesquisas seja nas discussões teóricas ou na parte empírica das publicações.

O levantamento foi realizado através de acesso *online* das revistas a partir da palavra-chave “ecopedagogia” na opção Pesquisa com o filtro para “todos”. Os trabalhos que apresentaram ocorrência da palavra sejam no título, no resumo, nas palavras-chave ou no corpo do texto foram selecionados. Após a pesquisa, as publicações foram organizadas em forma de lista com todos os trabalhos identificados pelo nome completo dos autores, título do trabalho e ano de publicação. Neste trabalho em específico foi realizado o *download* de todas as publicações e armazenados de forma organizada em pastas identificadas pelo nome específico de cada revista, dentro destas pastas foram identificados cada artigo através do ano de publicação, contendo o título e o nome dos seus respectivos autores.

A leitura dos artigos se atentou para a busca de semelhanças e diferenças na abordagem de ecopedagogia trazida pelos autores. A partir disso, realizamos um quadro para organizá-los em ano de publicação; distribuição geográfica; abordagens da ecopedagogia e objetivos dos estudos apresentados nos trabalhos consultados.

A análise dos dados foi embasada na Análise de Conteúdo, que de acordo com Bardin (2009), tem o intuito de categorizar os temas que tiveram maior frequência, bem como os temas que foram silenciados sobre o conceito ecopedagogia. Esse método é uma ferramenta de pesquisa que se aplica à grande diversidade de tipos e gêneros textuais e se presta à exploração interpretativa de documentos, organizando e sistematizando unidades de seu conteúdo, das quais se possam extrair inventários estatísticos de estruturas textuais, como palavras, temas e classes de sentido (BARDIN, 2011).

A partir desse procedimento analítico, elaboramos quatro categorias: **1) Ecopedagogia: sensibilização e afetividade na relação integral homem e natureza; 2) Crítica**

do currículo e/ou proposição de currículos alternativos para a ecopedagogia; 3) Concepções epistemológicas e 4) Perspectivas ecopedagógica como uma das adjetivações/identidades da EA. A elaboração dessas categorias proporcionou a compreensão das abordagens de pesquisa ecopedagógicas presentes nas revistas consultadas neste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento bibliográfico compreendeu a consulta de 22 artigos publicados em periódicos como mencionados na seção anterior, entre os anos 2005 e 2017. Os artigos foram classificados de T1 a T22.

No sentido de traçar um panorama geral do número de publicações no período determinado, primeiramente, organizamos os 22 artigos na relação: quantidade de artigos publicados em cada uma das revistas e o ano de publicação delimitados em grupos de aproximadamente quatro anos (Quadro 1).

Quadro 1: Quantidade de artigos publicados nas revistas selecionadas no levantamento bibliográfico.

	2005- 2008	2009- 2012	2013- 2017
Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental	2	0	5
Pesquisa em Educação Ambiental	1	4	6
Revista brasileira de Educação Ambiental	0	2	2
Total por quadriênio	3	6	13
Total de trabalhos analisados	22		

Fonte: elaborado pelos autores, 2018

Entretanto, ao fazer a leitura dos artigos em busca da abordagem de ecopedagogia apresentada nos trabalhos, percebemos que, ao trazer o termo no corpo do texto, esses artigos não se enquadravam nos objetivos propostos em nosso estudo, mesmo que alguns deles apresentassem alguma preocupação com a educação ambiental de maneira crítica, transformadora e emancipadora, os quais sem estes não há a formação do sujeito ecológico

pelos pressupostos da ecopedagogia defendida neste trabalho. Dessa forma, reorganizamos o quadro 1, de forma a apresentar apenas os trabalhos que trazem a ecopedagogia de maneira mais expressiva dialogando com os referenciais aqui retratados (Quadro 2).

Diante disso, temos no Quadro 2, 12 artigos publicados nos periódicos definidos entre os 2005 e 2017 que trazem os conceitos de ecopedagogia.

Quadro 2: Quantidade de artigos publicados nas revistas selecionadas que abordam os conceitos de ecopedagogia.

	2005-2008	2009-2012	2013-2017
Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental	2	0	5
Pesquisa em Educação Ambiental	1	1	1
Revista Brasileira de Educação Ambiental	0	2	0
Total por quadriênio	3	3	6
Total de trabalhos analisados	12		

Fonte: elaborado pelos autores, 2018

Ao comparar os Quadros 1 e 2, notamos que no Quadro 1, os trabalhos publicados na revista Pesquisa em Educação Ambiental destoavam mais a respeito da abordagem de ecopedagogia defendida neste trabalho em relação às outras revistas. Em contrapartida, a Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, a qual apresentava a ecopedagogia mais expressivamente, manteve seu número de artigos nessa reorganização.

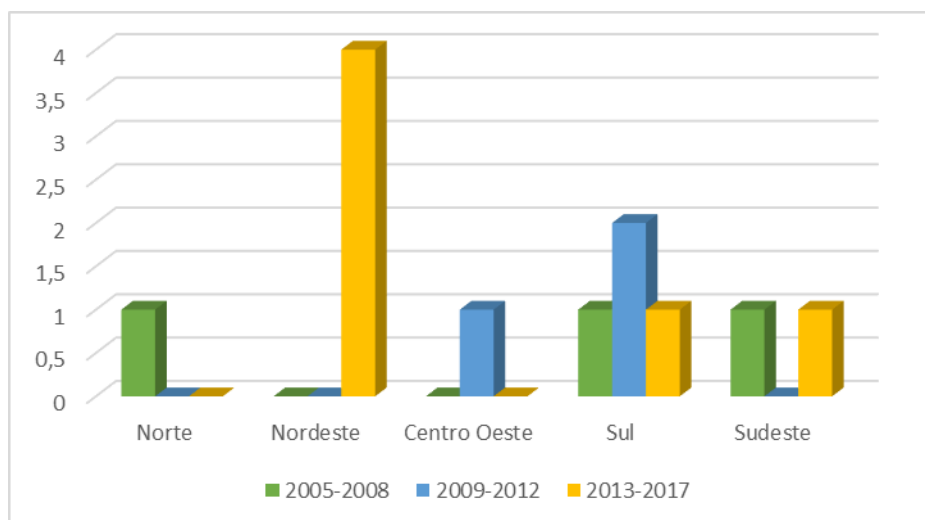
É possível afirmar que o termo vem ganhando espaço na área de pesquisa ao longo dos anos. Se observarmos o Quadro 2, podemos perceber que o número de trabalhos publicados sobre ecopedagogia entre os anos 2013-2017 dobrou em relação aos anos anteriores (2009-2012). Podemos inferir tal acréscimo de produções acadêmicas à preocupação dos impactos ambientais que assolam a humanidade e, conseqüentemente, aos investimentos de pesquisa em educação ambiental e criação de programas de pós-graduação, tal como Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGA da Universidade Federal do Rio Grande – FURG que tem a Revista Eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental.

A produção dos trabalhos consultados nesse levantamento bibliográfico está vinculada a autores de universidades públicas, com exceção do T8.

Dos trabalhos analisados quatro (4) são oriundos de pesquisadores que defenderam seus trabalhos ou ainda estão vinculados às instituições da região Sul, dois (2) da região Sudeste, um (1) da região Norte, um (1) do Centro-oeste e quatro (4) do Nordeste.

A região Sul e Sudeste possuía maior destaque em pesquisas há alguns anos (2005-2008; 2009-2012). Entretanto, percebemos que com o passar dos anos, as instituições que se localizam na região Nordeste estão conquistando espaços nas publicações, mesmo em revistas sendo localizadas na região Sudeste – Pesquisa em Educação Ambiental e Revista Brasileira de Educação Ambiental – e a revista de instituições de pós-graduação em Educação Ambiental na região Sul – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (Gráfico 1).

Gráfico 1: Relação de publicações por região expressa pelo quadro 2.



Fonte: elaborado pelos autores, 2018

Se observarmos o Quadro 3, notamos que em anos mais recentes (2013-2017), o número de publicação da região Nordeste foram quatro (4) em relação seis (6) do total de trabalhos nesse mesmo período, o que significa que 50% dos trabalhos analisados foram publicados pela região Nordeste. Em todo o período analisado (2005-2017), temos 34% de publicações da região Nordeste, 34% da região Sul e 17% da região Sudeste.

Teixeira e Neto (2012) destacam que estudos futuros poderão sinalizar alguma alteração positiva na distribuição de trabalhos por região. Contudo acreditamos que esses números se consolidam a partir do aumento crescente de programas de pós-graduação que veio se desenvolvendo ao longo dos anos. Nesse sentido, dada às circunstâncias de investimentos e as demandas sociais e políticas que circundam o campo acadêmico nas regiões Sul e Sudeste, o levantamento bibliográfico realizado neste trabalho indica uma descentralização dessas publicações.

Após essa breve apresentação dos trabalhos e da localização geográfica de suas publicações que consideramos relevantes para traçar o estado da arte dos artigos sobre ecopedagogia publicados entre os anos 2005 e 2017, apresentaremos as abordagens e propostas ecopedagógicas bem como discussões e reflexões que consideramos ressoar os objetivos dessa pesquisa.

Para contemplar essa análise apresentaremos os resultados em categorias a partir da perspectiva dos trabalhos apresentados pelos autores. As abordagens indicadas nos trabalhos analisados refletem questões e perspectivas dos usos da ecopedagogia. Essas abordagens podem ser explícitas ou não nos trabalhos, sendo uma questão de suma importância para refletirmos sobre a forma com que a ecopedagogia vêm sendo utilizada e apresentada nos artigos na área da educação ambiental, bem como se essas propostas ressoam os objetivos da educação ecopedagógica que está pautada na formação de um sujeito ecológico para o mundo, que contemple uma formação social, cultural, holística e espiritual do ser.

Ecopedagogia: sensibilização e afetividade na relação integral homem e natureza

Entendemos por **ecopedagogia: sensibilização e afetividade na relação integral homem e natureza**, a relação holística/monista do ser humano com natureza sem dualismos construída por meio da sensibilidade, da afetividade, da expressividade provocadas pela vivência do sujeito com a natureza e também pela sensibilização e afetividade despertadas ao resgatar memórias numa análise biográfica.

Dos 22 artigos analisados, sete (7) trabalhos trazem uma abordagem ecopedagógica de maneira mais expressiva (T2; T12; T8; T3; T6; T19; T7). Esses autores valorizavam a relação integral do ser humano com o meio ambiente, aproximando mais nitidamente dos conceitos ecopedagógicos. Para os autores, os usos da ecopedagogia advém de uma relação horizontal do ser humano com a natureza e promove uma formação social, ecológica e pessoal do sujeito com o meio.

Nos artigos T2 e T3, a autora Magalhães (2006, 2013) salienta a construção de consciência através da **sensibilidade**, focando-se em incentivar a **vivência do sujeito com a natureza**. Esses trabalhos têm um caráter mais teórico que representa suas reflexões iniciais sobre a inserção dos objetivos da educação ecopedagógica no modelo de gestão escolar. De acordo com o T3:

T3: Ecopedagogia não é uma pedagogia a mais, ao lado de outras pedagogias. Ela só tem sentido como projeto alternativo global cuja preocupação não está apenas na preservação da natureza (Ecologia Natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (Ecologia Social), mas num novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico (Ecologia Integral), o que implica uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais. Ela está ligada, portando, a um projeto utópico: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje. Este é o sentido profundo da Ecopedagogia, ou da Pedagogia da Terra (MAGALHÃES, 2016, p.264).

Ainda para a autora, a gestão democrática não é apenas pela instância política, mas também pela espiritual, isso significa que a participação democrática e a espiritualidade são formas de manifestação que devem ser destacadas numa gestão escolar.

Enquanto em T6, os autores Sousa, Silva Junior e Costa (2015) a alfabetização ecológica perpassa pela formação socioambiental e social da criança que é inspirada pela **sensibilidade**. Neste trabalho, os autores discutem projetos no sentido de guiar práticas ecopedagógicas na perspectiva da inclusão. Suas propostas instigam a **sensibilidade** dos alunos para que eles possam compreender e vivenciar experiências mesmo com ausência de alguns sentidos. Os autores tiveram como foco investigar três instituições de ensino inclusivas que possuem práticas ecopedagógicas na sua proposta curricular e discutir como a abordagem do tema é apresentada pelos professores nas escolas. Segundo os pesquisadores do T6:

T6: A pesquisa mostrou que nas atividades realizadas ao ar livre os alunos com deficiência interagiram com o meio ambiente de forma positiva, pois neste local são eliminadas as barreiras físicas ou de comunicação. Além

disto, trata-se de um processo de socialização que leva ao reencontro com a natureza e à identificação do sentido de pertinência em relação ao próprio grupo de forma cooperativa, integradora e inclusiva (SOUSA, SILVA JUNIOR e COSTA, 2015, p.264).

Já em outro artigo analisado, identificamos que a ecopedagogia não está presente apenas na educação ambiental ou até mesmo como sendo uma perspectiva do ensino de biologia, ela pode advir de uma abordagem biográfica, como propõem Silva, Almeida e Gaspar (2017). Os autores têm a preocupação de propor um diálogo entre a ecopedagogia associada à formação do professor de geografia a partir do seu próprio percurso formativo. De forma mais específica, buscam resgatar e materializar as memórias de Silva (2010) por meio dos seguintes questionamentos: (T7) “Em que minhas experiências formadoras estão conectadas com os princípios da ecopedagogia? Que lembranças, da infância, posso resgatar para desenhar este retrato? E, por fim, como essas experiências contribuíram para minha formação docente?” (SILVA, ALMEIDA e GASPARG, 2017, p. 109).

Os autores apresentam uma nova perspectiva da ecopedagogia que valoriza a formação sociocultural em que a ela advém de uma análise biográfica de um professor de geografia. Com a análise percebemos que, para os autores, as memórias formadoras de um professor com o intuito de discutir como a ecopedagogia foi se configurando na vida do sujeito com ênfase na infância e na formação superior, valorizam um caráter mais auto-formativo que considera uma formação mais humana e integrada com a natureza e as diferentes formas de vida na sociedade. Nesse sentido, para isso os autores do T7:

T7: as experiências formadoras vivenciadas durante a infância se configuram como importantes contribuições para minha formação humana, sobretudo, no que diz respeito à constituição da minha identidade e autonomia profissional docente. Dessa forma, busco deixar por escrito reflexões sobre em que medida essas experiências podem contribuir também para (re)pensar os princípios teóricos de formação de professores de geografia no País. Neste trabalho, destaco: **a pesquisa como autoformação** e a **Ecopedagogia como afetividade e como elo que nos une ao todo no processo de educação** (SILVA, ALMEIDA e GASPARG, 2017, p.123).

No artigo T9 foi apresentado o desenvolvimento de atividades de maneira lúdica com diversas interações, observações e elucidações sobre temas do cotidiano com alunos de uma escola. Partindo de uma abordagem transversal e interdisciplinar, foram propostos cursos voltados para a permacultura. Sua metodologia visava o despertar para a conscientização socioambiental dos atores, tornando-os protagonistas do processo na formação de **sujeitos ecológicos**.

T9: Dentre as novas vertentes da educação ambiental, a “educação em ação”, “aprendizagem ativa” ou “aprender fazendo” trazem uma proposta de imersão do educando em uma realidade específica. Uma aula interativa em “sala de aula ao ar livre” [...] consiste em um tour pelas trilhas em meio ao cerrado denso, no qual são apresentados, explicados e justificados todos os elementos da ocupação sustentável presentes, além de informações sobre o cerrado e as espécies que o compõe (JACINTHO e MARTINS, 2012, p. 19).

Por fim, no artigo T5, identificamos uma perspectiva emancipatória de proposta ativa por meio de oficinas e dinâmicas de grupos para construir um ambiente de ensino-aprendizagem estimuladores da ecovivencialidade, da **sensibilidade** e **expressividade** (SCHULZ, 2013). Como proposta, criaram um projeto de ecoformação “Acampamentos Ecovivenciais - Homens é que sóis, não máquinas”, refletindo por sua vez o aprender/ser/fazer/conviver como cidadãos participantes. O projeto era direcionado para os estudantes do 3º ano do Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico, cujo modelo concebia o desenvolvimento humano na da cultura do capital, contemplando apenas o desenvolvimento cognitivo, sendo sua prática pedagógica centrada na exacerbação dos meios técnicos de transmissão e apreensão dos conteúdos.

No T5 apoiando-se em Gutiérrez e Prado, afirma que

T5: a nova educação precisa apoiar-se também em outras formas de percepção e conhecimento, não menos válidas e produtivas, buscando a mudança nas relações humanas, sociais e ambientais, ou seja, o sentido profundo da Ecopedagogia. Para os autores a dimensão sociopolítica também necessita ser contemplada, uma vez que torna o indivíduo consciente do seu entorno e co-responsável por ele, numa aprendizagem do sentido das coisas, de cada momento, a partir da vida cotidiana. É o que defende Gadotti (2010, p. 08), quando nos fala que “não se aprende a amar a Terra apenas lendo livros ou ouvindo palavras que destacam sua beleza e importância; a experiência própria é fundamental” (SCHULZ, 2013, p. 321-322).

Gutiérrez (2000) afirma que o subdesenvolvimento da sensibilidade e da incapacidade emocional explicam o caráter desumano de nossa sociedade. O desequilíbrio da sensibilidade social, fruto das políticas econômicas que supervalorizam as instituições e a menos-valorização do pessoal, explicam a ausência da dimensão ética e das exigências ecológicas em nível pessoal, institucional e social, no qual o ser humano se vê forçado em relações de estaticidade, estreiteza, rigidez, normatização e imposição excessivas.

Diante dessa afirmação, os trabalhos compreendidos nessa categoria dialogam com os pressupostos da ecopedagogia que propõe uma visão holística das questões da sustentabilidade, para além das relações estabelecidas com o ambiente, englobando o profundo valor da existência humana e dos projetos de vida no Planeta. Nesse sentido, a

ecopedagogia é uma ferramenta importante no sentido de reverter às consequências dos impactos oriundos do avanço tecnológico, para sociedade e para o meio ambiente (GUTIÉRREZ e PRADO, 1999).

Outro ponto que merece ser destacado nas perspectivas trazidas por esses trabalhos, “é a relação entre os sujeitos que aprendem juntos ‘em comunhão’. É, sobretudo, uma pedagogia ética, uma ‘ética universal do ser humano’, não a ‘ética do mercado’” (GADOTTI, 2002, p. 90, grifos do autor). Nessa direção, a educação apoia-se em outras formas de percepção e conhecimento, não menos válidas e produtivas, na tentativa de uma mudança nas relações humanas, sociais e ambientais, buscando um sentido profundo da ecopedagogia (GUTIERREZ; PRADO, 2008) ou o que propõe a Carta da Terra (GADOTTI, 2010).

Crítica do currículo e/ou proposição de currículos alternativos para a ecopedagogia

Entendemos por **crítica do currículo e/ou proposição de currículos alternativos para a ecopedagogia**, as discussões acerca da crítica ao currículo escolarizado para a implementação da ecopedagogia na educação com o intuito de propor uma mudança curricular que valorize a formação sociocultural e possibilite a vivência que estimulem a produção de sentidos com a natureza.

No T8, Mazzarino, Munhoz e Keil (2012) discutem proposta de **mudança curricular** em escolas para inserção de práticas ecopedagógicas. A proposta de currículo dos autores transversa por vários campos dos saberes e apresentam reflexões sobre as práticas ecopedagógicas no contexto escolar no que tange o currículo e a educação ambiental. Para os autores:

T8: o currículo deve possibilitar que se saboreie a natureza, contextualizando esta experiência na vida de cada um, de modo a despertar o cuidado e o respeito por si e pelos outros seres. É preciso “incorporar” o currículo com vivências que estimulem os sentidos e a produção de novos sentidos para a vida. Desta forma é possível que sintamos a educação ambiental na pele, e não pelo intelecto apenas, libertando-nos num currículo rizomático, que proporcione novas ancoragens semióticas e transversas (MAZZARINO, MUNHOZ e KEIL, 2012, p. 59).

No trabalho (T19) mais recente dos autores Munhoz e Mazzarino (2015) é apresentada uma proposta de disciplina de pedagogia que foca em articular discussões

acerca da formação do pedagogo na prática educativa não escolarizada em relação ao meio ambiente. Assim como os demais trabalhos, os autores caminham por uma perspectiva que valoriza a formação sociocultural e, para propor essas novas práticas, destacam a importância de um **modelo de currículo alternativo** na perspectiva de cartografias e currículos-mapas. A reflexão curricular dos autores não foca apenas no discurso e nos problemas que o currículo atual representa, ela perpassa por questões mais profundas que propõe novas **arquiteturas curriculares**.

T19: Articular a educação, em seu sentido mais amplo, e engendrar a escola como apenas um dos territórios educativos, é uma urgência e uma demanda da sociedade atual. Os limites da educação formal, sobretudo nos moldes da escola moderna, explicitam a emergência de um olhar sociocultural para seu entorno. As novas demandas, portanto, são resultantes de processos educativos que se originam desvinculados da escola formal, embora possam se vincular à escola, desde que a mesma se abra às emergências de uma sociedade pedagógica (MUNHOZ e MAZZARINO, 2015, p.111).

Gutiérrez e Prado (1999) apontam a impossibilidade de se preparar um futuro melhor, sem partirmos um presente danificado e perturbador. Nesse sentido, o processo de mudança na educação para a implementação da ecopedagogia deve procurar contribuir para a construção de um presente que seja capaz de projetar um futuro melhor.

Como apontado por Gutiérrez e Prado (1999), temos que readequar os modelos e normas existentes, preestabelecidos à nova realidade, considerando que a prática pedagógica, demandada pela cidadania ambiental, devem ser criados e recriados no cotidiano, de acordo com as questões emergentes da cultura de sustentabilidade.

Nesse sentido, os autores abordados nessa categoria curricular, trazem críticas e proposições alternativas de currículo que condizem com os princípios defendidos pelo movimento ecopedagógico no sentido de enfatizar conteúdos curriculares significativos, não só localmente, mas para uma cidadania planetária. Para isso, é necessário que toda a comunidade envolvida esteja comprometida para estruturar uma nova forma de gestão. (GUTIÉRREZ e PRADO, 1999).

Concepções epistemológicas

A categoria **concepções epistemológicas** compreendeu as narrativas em seu modo de pensar e agir atribuídas pela humanidade acerca da Educação Ambiental, as leituras e

significados da natureza que são construídos pela cultura, bem como o caráter histórico, dialógico e campo de disputas manifestadas pela humanidade acerca da Educação Ambiental. Tais aspectos considerados nessa categoria contribuem para uma **mudança da mentalidade**. Avanzi (2004), ao considerar a EA como uma mudança na mentalidade em relação à qualidade de vida, afirma como proposta a construção da participação cidadã.

Sampaio e Wortmann (2007) apresentam no seu trabalho (T12), reflexões sobre as questões sociais e culturais da natureza. Os autores discutem sobre o uso das **explicações e narrativas das verdades científicas** atribuídas pela humanidade em suas condutas sociais e morais. Apesar de ser um trabalho de onze anos atrás, são apresentadas discussões atuais sobre a grande valorização que a ciência recebe quando comparado às **questões de valores sociais e culturais**.

T12: na construção de uma ecoalfabetização com base em conceitos científicos, acionam-se, portanto, representações culturais de ciência bastante naturalizadas na sociedade. Entre outros aspectos que poderíamos mencionar, destacamos que tais representações definem a ciência como o principal meio de desvelar o funcionamento dos processos naturais, tomando-a como um trabalho neutro e isento de subjetividades, como um modo privilegiado de explicar o mundo e, enfim, como contendo explicações capazes de sobrepor-se a quaisquer outras explicações (SAMPAIO e WORTMANN, 2007, p.145).

No artigo (T14), Morales (2009) discute que as narrativas da educação ambiental e a reflexão sobre as múltiplas concepções que compõem esse universo **multirreferencial e não consensual** da EA influencia o **modo de pensar e o agir** dos profissionais educadores ambientais que estão passando por cursos de formação em várias instâncias. Portanto, a proposta apresenta por Morales (2009) é de abordagem crítico-reflexiva que implica em questionamentos, tais como: “quais os caminhos que a educação ambiental percorre? Quais são as bases de pensamento da educação ambiental?”. O autor defende que

T14: o processo formativo da educação ambiental, comportando uma historicidade, também é formado e reformado dentro de um movimento histórico de diálogos e disputas diante da manifestação da humanidade e, por consequência, de produção de pensamentos significativos sobre a relação da sociedade com a natureza, relatando vários e possíveis caminhos epistemológicos (MORALES, 2009, p. 160).

Como nos diz Gadotti (1998), a educação ambiental, também conhecida como Ecoeducação aborda uma transformação da mentalidade em relação à maneira de convivência que os seres humanos têm com a natureza, implicando em atitudes, valores e ações.

As perspectivas de trabalhos retratadas nessa categoria dialogam com as contribuições de Morin (2003, 2005 apud AMORIM e CESTARI, 2013), quanto afirma que um nova epistemologia, “reforma do pensamento” influência nas inter-relações do pensamento para explicar as novas leituras do mundo e ir em busca de um novo paradigma que esteja preocupada com a formação humana e as questões ambientais, configurados num subjetividade denominada sujeito ecológico. Como aponta Gadotti (2000, p.91), baseando-se nos estudos de Freire, a Ecopedagogia deve atuar na formação do sujeito a um novo estar no mundo, um jeito de pensar a vida cotidiana, que busca cada sentido em cada ato, momento que pensa a prática.

Perspectivas ecopedagógicas como uma das adjetivações/identidades da EA

Alguns trabalhos analisados apresentavam a perspectiva ecopedagógica como uma das adjetivações/identidades da EA como análise de estudo artigo. Não enquadrados em nenhuma categoria desse trabalho, pois não consideramos que o foco do trabalho foi a ecopedagogia. Entretanto, esses estudos traziam algumas problemáticas e discussões que ressoavam com os ideais da ecopedagogia.

Autores como Bertolucci, Machado e Santana (2005) colocam em debate as diversas adjetivações da educação ambiental brasileira que estão surgindo contrapondo-se a uma educação ambiental moralista, reducionista e distanciada das questões sociais – EA Crítica, EA Transformadora, EA Emancipatória e a ecopedagogia – enfocando seus referenciais teóricos, fundamentos políticos, pedagógicos e éticos. Defendem um olhar ponderado entre as múltiplas dimensões para que a educação ambiental seja instrumento de transformação social e atinja uma mudança ambiental.

Nesse sentido, os autores buscam desmascarar a interpretação equivocada de que o campo da educação ambiental é homogêneo e consensual, trazendo para o debate a grande diversidade de nomenclaturas que emergem e ganham espaço no campo educacional (BERTOLUCCI, MACHADO, SANTANA, 2005). Vale salientar que essa publicação é pioneira no

tangente a considerar a ecopedagogia como umas das adjetivações da EA, dentro dos anos selecionados 2000 e 2017 para o levantamento bibliográfico.

Já o trabalho de Amorim e Cestari (2013) é um trabalho mais recente que caminha na perspectiva de apresentar os discursos ambientalistas presentes na literatura pedagógica e educacional, com o foco de destacar a educação ambiental, a educação para a sustentabilidade, a ecoformação, a ecopedagogia e a alfabetização ecológica. Os autores apresentam uma proposta crítica na construção dos discursos no domínio da educação no sentido de questionar o que pretendem estes sujeitos com estes discursos na disputa de sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi uma tentativa de caracterizar as inúmeras definições sobre a ecopedagogia, onde são propostas novas práticas educacionais na qual o educador adiciona nas práticas pedagógicas o contexto cultural e social do indivíduo promovendo uma transformação tornando o mais crítico. É preciso ressaltar que pode ocorrer uma dificuldade na análise das publicações tendo em vista as limitações de escrita de cada autor. Essas inferências carecem de exames cuidadosos para uma melhor aproximação com a intenção do autor do trabalho através dos objetivos do trabalho.

Ao longo das análises aqui realizadas, notamos a recorrência da relação entre a ecopedagogia e a sensibilização afetiva na relação integral homem e natureza, acompanhadas de distintas orientações epistemológicas que sustentam diversas abordagens e leituras ecopedagógicas. Apesar dos artigos analisados indicarem uma leitura predominantemente complexa, com discursos que muitas vezes se desenvolvem de maneira antropocêntrica, notamos um importante e positivo crescimento das discussões que envolvem a problemática ambiental, bem como seu campo epistemológico. Crescimento esse que traz novas formas de se pensar a interação entre o humano e o não humano, entre processos biológicos e sociais, que tende a aproximar os diversos campos da ciência e educação. A proposta deste trabalho foi a de fazer um levantamento das abordagens ecopedagógicas nas produções acadêmicas em revistas de educação ambiental, a fim de

criar um diálogo entre tais abordagens de forma enriquecedora. A presença de discursos que tendem a críticas do currículo possui seu grau de relevância no sentido de ser uma ferramenta importante no processo de conciliar a educação como ferramenta importante na formação do sujeito ecológico despertando o sentido holístico sobre o movimento ecopedagógico. Se a análise não fosse delimitada como foi, muitas particularidades das mais diferentes áreas da EA, do saber não estariam claramente visíveis na construção das categorias e acabariam por se diluírem no contexto geral.

A ecopedagogia parece estar no início de um processo de consolidação, seja no âmbito investigativo das produções acadêmicas, seja no campo social e educativo. Levando em conta a força da racionalidade moderna na sociedade humana e as oposições que esta força traz entre elementos humanos e naturais. Contudo, apesar da amostragem pequena, o presente trabalho aponta para leituras predominantemente voltadas para os conceitos básicos da ecopedagogia, baseada em uma EA crítica, emancipatória e transformadora. Isso é considerado positivo, pois sugere que o debate acerca da crise socioambiental e a produção acadêmica nacional em ecopedagogia estão num percurso de transição entre teorias e ideias que privilegiavam aspectos racionais e limitados para teorias e ideias que abordam a crise ambiental de maneira integradora e cada vez mais dialógica. Não no sentido de substituir o velho pelo novo, mas sim de criar novas leituras, ampliar fronteiras, transformar os processos educativos e a produção de conhecimento. É nesse cenário que é possível entender a ecopedagogia como um elo integrador capaz de fazer dialogar e cooperar as diversas leituras de mundo e áreas do saber.

Referências

AMORIM, Celeste Dias; CESTARI, Luiz Artur dos Santos. Discursos ambientalistas no campo educacional. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Vol. 30, n. 1, p. 4-22, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BERTOLUCCI, Daniela; MACHADO, Julia; SANTANA, Luiz Carlos. Educação Ambiental Ou Educações Ambientais? As adjetivações da educação ambiental brasileira. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Vol. 15, n. 1, 2005.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**. Vol. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 2º ed. São Paulo. Cortez, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 2º ed. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Ecopedagogia e educação para sustentabilidade**. Canoas: Gráfica da ULBRA, 2005.

GADOTTI, Moacir. **A Carta da Terra na educação**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. 1º ed. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire, 1999.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. Trad. Sandra Trabuco Valenzuela. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. 4º ed. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire, 2008.

JACINTHO, Thiago Rocha dos Santos; MARTINS, Rosana de Carvalho Cristo. Educação para Sustentabilidade: Turismo ecopedagógico no centro de permacultura Asa Branca, Brasília/DF. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. Vol. 7, n. 2, p.18-28, 2012.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. A ecopedagogia e a pedagogia da informalidade na escola. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Vol. 30, n. 2, p. 304-316, 2013.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. O conceito de gestão escolar na ecopedagogia. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Vol. 17, 2006

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 7º ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MATOS, Mauricio dos Santos. A Formação de Professores/as e de Educadores/as Ambientais: Aproximações e Distanciamentos. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**. Vol. 4, n.2, p. 203-214, 2009.

MAZZARINO, Jane Marcia; MUNHOZ, Angeliza Vier; KEIL, Jaqueline Luciana. Currículo, Transversalidade e Sentidos em Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. Vol. 7, n. 2, p. 51-61, 2012.

MELLO, Adriana Silva; LONGHINI, Marcos Daniel. Tendências de educação ambiental em livros didáticos de ciências. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**. Vol. 8, n. 1, p. 62-75, 2013.

MORALES, Angeliza Gois Muller. Processo de institucionalização da educação ambiental: tendências, correntes e concepções. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**. Vol. 4, n. 1, p. 159-175, 2009.

MUNHOZ, Angelica Vier; MAZZARINO, Jane Márcia. Cartografias e currículos-mapas: ecologia em espaços educativos não escolarizados. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**. Vol. 10, n. 2, p. 109-123, 2015.

NOGUEIRA, Cristiano; MOLON, Susana Inês. As concepções de homem, natureza e trabalho no curso técnico em meio ambiente do IFSUL. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**. Vol. 12, n. 1, p. 85-99, 2017.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 4° ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vincentini; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Ecoalfabetização: ensinando a ler a natureza. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**. Vol. 2, n. 2, p. 133-152, 2017.

SILVA, Rosana Louro Ferreira da; CAMPINA, Nilva Nunes. Concepções de educação ambiental na mídia e em práticas escolares: contribuições de uma tipologia. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**. Vol. 6, n. 1, p.29-46, 2011.

SILVA, Wesley Marven de Freitas; ALMEIDA, Maria Cristina Alves; GASPAR, Mônica Maria Gadêlha de Souza. Relações entre ecopedagogia e a infância: um estudo sobre memórias, experiências e identidades de um professor de geografia. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Vol. 34, n. 1, p. 108-126, 2017.

SOUSA, Nayara Alves; SILVA JUNIOR, Milton Ferreira da; COSTA, Silvia Kimo. A ecopedagogia como prática ecopedagógica inclusiva em escolas de Vitória da Conquista na Bahia. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Vol. 32, n. 1, p. 247-269, 2014.

SCHULZ, Luciane. Ecoformação por meio de acampamentos: ressignificando os ambientes de aprendizagem com adolescentes do ensino médio/técnico. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Vol. 30, n. 1, p. 320-334, 2013.

TAVARES JÚNIOR, Melchior José; CUNHA, Ana Maria de Oliveira. Educação ambiental como disciplina na formação dos biólogos: um estudo de caso na Universidade Federal de Uberlândia. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**. Vol. 10, n.1, p.104-118, 2015.

TEIXEIRA, Paula Marcelo Marini; NETO, Jorge Megid. O estado da arte da pesquisa em ensino de Biologia no Brasil: um panorama baseado na análise de dissertações e teses. **Revista Eletrônica de Enseñanza de las Ciencias**. Vol. 11, n. 2, p. 273-297, 2012.

Submetido em: 18-04-2020.

Publicado em: 23-04-2021.